

Crise política causa novas preocupações

Para economistas, plano econômico agora seria inócuo; empresários temem atraso em investimentos

FERNANDO PESCIOTTA,
ROBERTO CAMARGO
e ISABEL DIAS DE AGUIAR

O deputado Aloísio Mercadante (PT-SP) disse ontem que "a temperatura no Congresso deve subir ainda mais". Segundo ele, deveria ser desenhada uma rigo-

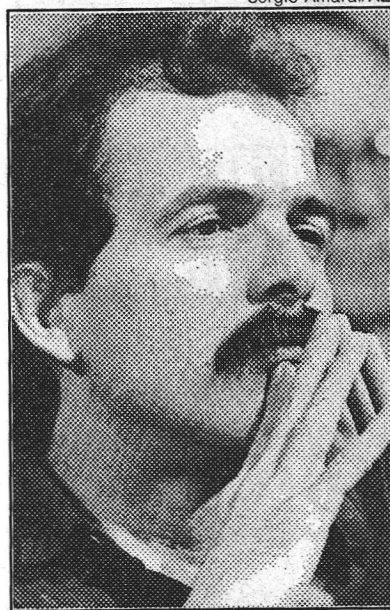


rosa "operação mãos limpas", já que todos os interesses públicos passam pelo orçamento. "É preciso punir os res-

ponsáveis pela corrupção e dar um grande salto de qualidade na elaboração do orçamento", disse.

Para Mercadante, a crise política não pode atrapalhar a elaboração de um plano econômico. Ele criticou, entretanto, a falta de definição por parte da equipe do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. "O governo ainda não apresentou sua proposta de reforma fiscal e tributária ou mesmo de política de recuperação", disse. De acordo com o parlamentar, Cardoso tem "vários indicadores favoráveis" para colocar seu plano em prática.

O presidente do Sindicato dos Economistas de São Paulo, Sideval Aroni, discorda. Ele disse que a instabilidade política torna "qualquer plano, agora, inócuo". Como medida de emergência ele sugere um rígido controle de remessa aos Estados e municípios, corte de despesas e aumento das alíquotas dos impostos. "O ajuste fiscal é



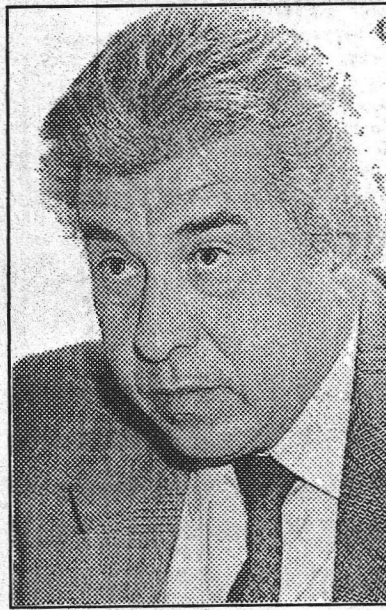
Mercadante: "Mãos limpas"

muito importante agora".

Integrante da equipe da então ministra Zélia Cardoso de Mello, o economista Geraldo Gardenalli também acha que o momento não é dos mais indicados para a adoção de um plano econômico. "A chance de dar certo é menor", explicou. Para Gardenalli, um ministro precisa saber como e até quando ficará no governo para elaborar suas propostas. "O problema é que as incertezas aumentam, com riscos inflacionários", completou.

SERIA A
HORA PARA
UMA "MÃOS
LIMPAS"

Luís Eduardo Assis, ex-diretor do Banco Central e economista-chefe do Citibank, considera o escândalo do orçamento "um gasto de energia que vem no pior momento, quando o Congresso deveria trabalhar na revisão constitucional". Assis, no entanto, diz manter a convicção de que o caso possa ficar circunscrito à Comissão de Orçamento.



Misasi: Não se pode esperar

Ele também não concorda com opiniões de executivos financeiros, segundo os quais o caso pode favorecer Cardoso na elaboração de um orçamento melhor. "O mais importante é a execução orçamentária, a boca do caixa", disse. "A equipe econômica tem um cronograma técnico e político e seria inconveniente não respeitá-lo agora", completou. Para Assis, porém, o escândalo pode desviar as atenções da economia, dando mais tempo para Cardoso. A primeira evidência, segundo ele, foi dada pelo presidente Itamar Franco, que cancelou a reunião que teria hoje com a equipe econômica.

O presidente da Olivetti, Enrico Misasi, disse estar "assustadíssimo e triste" com a crise. "O País não pode esperar", declarou. "Há uma quantidade imensa de investidores esperando pela estabilidade econômica para aplicar recursos no Brasil."

Sérgio Habersfeld, presidente do Sindicato da Indústria de Artefatos de Papel, disse que a crise política parece proposital, "montada para criar o caos".